

Lá fora também se joga bola

Abrindo o jogo

Se o mundo da bola discute até quem é o “Pelé” do futebol (Pelé? Maradona? Garrincha?), definir as melhores seleções de todos os tempos (fora as brasileiras) é assunto para a vida toda. É quase impossível comparar períodos distintos do esporte, e pode resultar anacrônico igualar o futebol de diferentes décadas. A bola que voa em 2010 é outra pelota, se comparada a que rolava em 1970. Piorou? Melhorou? Mudou. Como a vida. Como o mundo.

A memória é seletiva. Esquecemos os “bagres”, escalamos apenas os craques nos nossos times dos sonhos – mais oníricos que reais. Editar (logo, selecionar) times e tempos não é fácil. É ritual de árbitro: entrar em campo vaiado, só por ter tido a pretensão de apitar um jogo desse tipo, e correndo o risco de ser ainda mais xingado por qualquer desliz. Selecionar apenas sete times é um jogo de sete erros. Mesmo acertando a mão na hora de escolher quem tanto acertou o pé em campos do mundo.

Como jornalista por esporte há quase duas décadas, como apaixonado pelo futebol que vejo há 37 anos em estádios e estúdios, eu e o time de editores da Contexto fizemos como os sete treinadores deste livro: adotamos critérios (discutíveis, como o futebol), selecionamos elencos (ainda mais polêmicos), escalamos os times (prontos para serem “cornetados”), teimamos demais, nos unimos nos erros, delegamos os acertos, vamos levar pancada da imprensa, e fomos ao jogo invencível: como contar o muito que contaram essas seleções para a antologia ilógica do jogo?

Para narrar uma história de futebol não bastam historinhas. Este é livro para ser consumido sem moderação em botecos e barracos de mesas redondas, e sem reservas em bancos de escola e de beira de gramado. Para tanto, escalei para fazer as entrevistas e as análises os jovens jornalistas André Rocha

e Dassler Marques. Dois que sabem muito. E aprenderam que, no futebol, só se chuta dentro de campo. Não no Jornalismo.

O Brasil de 1970, o melhor dos “Brasis” e do mundo, não era apenas um punhado de craques. Era uma constelação ordenada. Não seria o melhor de todos os times dos campos, se não funcionasse como uma equipe organizada. Contar a história de uma seleção histórica de Copa sem aprofundar taticamente a discussão é julgar um livro pela capa – e levar para casa algo muito superficial, o que este livro não é.

Critérios de seleção

Primeiro critério para um esquadrão participar do nosso campeonato: disputar uma Copa do Mundo. Ficam de fora grandes equipes como a Celeste Olímpica do Uruguai, medalha de ouro em 1924 e 1928. O Wunderteam austríaco dos anos 1930. Outra ausência é a Argentina dos anos 1940, de luta e de luto, sem futebol e sem mundiais.

Segundo critério para figurar nesta obra, que rendeu tantas noites maldormidas e sonhos bem acordados: é preciso ser uma seleção “sub-58”, isto é, ter jogadores que entraram em campo a partir de 1952. É necessário, para estar neste estudo, um futebol preservado pela tecnologia. Imagens para realmente valer por muito mais de mil palavras. O Uruguai campeão de 1930 e 1950 e a Itália bicampeã mundial de 1934-38 foram grandes times que li e ouvi – mas não vi nada além de alguns gols. A Hungria de 1954 já deu para ver. E nada igual se veria depois. Existem imagens suficientes para tentar entender a magia do jogo magiar. Mais de 5 mil partidas em filmes do acervo de Gustavo Roman, craque de Niterói, como Zinho e Gérson, enciclopédia esportiva como Nilton Santos.

Terceiro critério de convocação: uma seleção apenas por país. O Brasil pentacampeão (e mais o maravilhoso time de 1982) está na obra-prima (e irmã) de Milton Leite, *As melhores seleções brasileiras de todos os tempos*, desta editora. Fora o Uruguai (que não entra pelo segundo critério de seleção), uma equipe representativa de cada escola campeã mundial está no livro: Inglaterra de 1966, Alemanha de 1974, Itália de 1982, Argentina de 1986 e França de 1998. Alguns desses países mereceriam mais de uma seleção, campeã ou não.

Quarto critério de escolha: futebol é mais que bola na rede. Não é preciso conquistar uma Copa para ganhar o mundo. Dois vices mais campeões

que muitos vencedores também estão selecionados: a Hungria de Puskas, vice em 1954, e a Holanda de Cruyff, vice em 1974. Duas revoluções táticas e técnicas apresentadas de modo total, como o futebol que jogavam: análise tática de cada jogo, cronologia da formação e explosão do time, desempenho na Copa do Mundo, casos, acasos, coisas e o ocaso de uma era. Além do perfil do craque bandeira de cada equipe.

Quinto critério: campeão não precisa ser admirado, mas deve ser respeitado. Exemplo: a Inglaterra de 1970 era melhor que a de 1966 – mas sagrou-se campeã mundial quando foi seleção anfitriã; França, em 1982 e 1986, era melhor tecnicamente que a campeã de 1998. Mas quem ergueu a taça foi Zidane, não Platini. A Itália de 1978 jogou mais futebol que a de 1982 (e muito mais que a tetracampeã de 2006). Mas a Squadra Azzurra foi tri no Mundial da Espanha; quatro anos antes, acabou em quarto lugar, na Copa da Argentina. A base e o treinador eram os mesmos.

Sexto critério: não basta ser campeão – é preciso ter craque. A Argentina tem uma escola tão boa quanto a brasileira. Mas ganhou “apenas” duas Copas, em 1978 e 1986. Ou só uma: a segunda foi conquistada pela pessoa física, digo, técnica, de Diego Maradona. Sem ele, possivelmente o organizado time argentino não teria vencido a Alemanha – vice no México, campeã do mundo em 1990 com um bom time, bem arrumado, mas sem grandes craques. Não melhor que aquela seleção que venceu a favorita Holanda, em 1974, com alguns dos favoritos de todos os campos e tempos – Beckenbauer, Gerd Müller, Overath, Breitner e Maier. Todos craques. Melhores que os de 1990.

Saideira

Times enfim escalados, antes de começar o jogo, a pergunta sem resposta: qual a melhor seleção das sete? Até para não correr o risco de apontar uma das duas únicas que não foram campeãs mundiais, fico em cima do muro. Em paz com a consciência. E em dúvida se, realmente, a história é contada apenas pelos vencedores na atividade que é a mais perfeita imperfeição bolada pelo homem – o futebol.

Bom jogo!

* * * * *

Meus agradecimentos...

A André Rocha e Dassler Marques. Sem eles não teria jogo nem livro. Fizeram muitas das reportagens e entrevistas, e muitas das melhores linhas da obra. Estão em qualquer seleção de futebol, jornalismo e amizade.

A Gustavo Roman. Sem ele não haveria as imagens que pude ver das sete seleções. A paixão e o trabalho dele e de poucos evitam que o futebol tenha uma imagem distorcida da história e da realidade.

A Alexandre Battibugli. Quem sabe enxergar e clicar a bola que rola e a foto que ilumina o esporte.

A todos estes e muitos mais que me ensinam: Acáz Fellegger, Ademir da Guia, Adilson Laranjeira, Alberto Helena Júnior, Alemão, Alex Muller, Alexandre Santos, Antero Greco, Antonio Petrin, Armando Nogueira, Arnaldo Ribeiro, Caio Maia, Careca, Carlinhos Brickmann, Carlos Alberto Parreira, Celso Unzelte, César, César Sampaio, Chico Lang, Cláudio Zaidan, Cosme Rímoli, Dalmo Pessoa, Daniel de Paula, Dario Pereyra, Djalma Santos, Dudu, Dudu Magnani, Dulcídio Boschillia, Dunga, Éder Luís, Eduardo Ramos, Elia Júnior, Ely Coimbra, Ênio Rodrigues, Erich Beting, Fábio Medeiros, Falcão, Fernando Santos, Fernando Solera, Fiori Gigliotti, Flávio Prado, Gérson, Gianfranco Beting, Gustavo Roman, Jairzinho, Joelmir Beting, Jorge Kajuru, José Carlos Carboni, José Paulo de Andrade, José Silvério, Jota Júnior, Juca Kfourri, Julinho Botelho, Júnior, Jurandir Beting, Jusler Beting, Leandro Quesada, Leão, Leivinha, Lédio Carmona, Leonardo Bertozzi, Luciano Borges, Luciano do Valle, Luiz Felipe Scolari, Luiz Fernando Bindi, Luiz Fernando Gomes, Luiz Mendes, Marcelo Duarte, Marcello Di Lallo, Marco Antonio, Maurício Noriega, Maurício Vargas, Marinho Peres, Milton Neves, Milton Peruzzi, Mozart Maragno, Müller, Nelinho, Neto, Neto Strifezzi, Nivaldo Prieto, Oscar, Osmar de Oliveira, Osmar Santos, Paulo Calçade, Paulo César Carpegiani, Paulo César Caju, Paulo Planet Buarque, Paulo Soares, Paulo Vinicius Coelho, Pedro Luís, Pedro Rocha, Pepe, Raul Plasmann, Rivellino, Roberto Avallone, Roberto Petri, Rubens Minelli, Ruy Carlos Ostermann, Sérgio Patrick, Sérgio Xavier, Silvio Lancelotti, Silvio Luiz, Sócrates, Telê Santana, Toninho Neves, Tostão, Ubiratan Leal, Ulisses Costa, Valdir de Moraes, Walter Abrahão, Zagallo, Zico, Zito.

Ao futebol, obrigado por nos ensinar tudo o que desaprendemos em 90 minutos.